

# **PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL**

## **programa 5**

### **A QUERELA DO BRASIL**

#### **Thula Pires [Direito Constitucional]**

Precisa aprender a ouvir, a gente escuta muito pouco, né, e a aprender a ouvir pressupõe ouvir nos termos em que a fala está sendo dita e não traduzir qualquer fala nos nossos termos para que ela possa ser considerada, entendida e fazer sentido, né. É preciso aprender com estranhamento, com algo que a princípio não faz sentido e entender que o não faz sentido é uma responsabilidade muito mais de quem está não escutando do que de quem está falando.

A história da escravidão é necessariamente uma história de luta, né, principalmente por negro diante de uma experiência de escravidão é necessariamente, né, ele vai ter necessariamente uma história de luta. Se não fosse uma história de luta permanente e constante a gente não estava aqui para contar essa história.

#### **Luiz Felipe de Alencastro [Historiador]**

De 1550 a 1850 que foi o período do tráfico negreiro o número de africanos chegados e o número de portugueses chegado número de africanos representa seis vezes e meia o número de portugueses, então chegaram 750 mil portugueses colonos até 1822 e imigrantes até 1850, nesse mesmo período chegaram 4 milhões e 830 mil africanos.

#### **Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]**

Então você tem vários, vários centros tanto nas Américas e sobretudo na Europa que estão ganhando muito dinheiro a partir desse tráfico, então é esse... Essa rotação de capital, né, que faz com que o tráfico de africanos escravizados acabe ganhando o tamanho que ganha. Então o que a gente tem é essa opção pela escravidão, né, a partir da manutenção do escravismo algo que só vai começar a ser questionado na década de 60 quando o movimento abolicionista de fato chega no Brasil e, né, é o momento no

qual para além dos escravos que desde sempre lutam pela sua liberdade das mais diferentes formas, né, você tem uma elite que está pensando o fim da escravidão.

### **Luiz Felipe de Alencastro [Historiador]**

A abolição se deu também numa coisa política muito curiosa, porque o, o império fez aí uma política gradualista para abolir a escravidão, para acabar com a escravidão, os historiadores chamam isso emancipacionismo. Então você abole o tráfico negreiro, então cortou a reprodução externa do sistema, você faz a Lei do Ventre Livre em 71, cortou a reprodução interna, faz a Lei dos Sexagenários, libera por cima e vai deixando aos poucos, cria fundo de alforria para a coisa ser absorvida aos poucos e evitar que os fazendeiros se opusessem a essa política.

### **Luiz Antonio Simas [Historiador]**

E nesse contexto é um processo de abolição que se preocupa muito mais com o proprietário do escravo do que com a pessoa escravizada, é por isso que nós costumamos inclusive dizer que é uma abolição inconclusa. Quando a gente pega, por exemplo, o texto da Lei do Ventre Livre o texto da lei previa um fundo de alforria que no fim das contas serviria para indenizar o proprietário do escravo, até porque a Constituição brasileira não falava em escravidão, a Constituição brasileira falava em direito à propriedade privada e juridicamente considerou-se que você podia ter uma pessoa como sua propriedade. Então, nesse processo de abolição é muito clara preocupação em defender os interesses de uma elite agro escravocrata.

### **Manolo Florentino [Historiador]**

E sociologicamente falando as elites que vão se criando no Brasil elas se reproduzem através do trabalho escravo, o que é suficiente para que a gente a partir disso possa chamar essa so... Sociedade de uma sociedade escravista e não capitalista.

### **Eduardo Jardim [Filósofo]**

O problema da pobreza era tanto! Quando se aboliu a escravatura você aboliu a escravatura e criou uma massa de gente pobre, de miseráveis e as pessoas impactadas com a presença daquela massa de pobres tiveram que enfrentar o problema da pobreza e não o problema da liberdade.

### **Heloísa Starling [Historiadora]**

Nós vamos criar uma, uma classe que não é mais nem escravo nem cidadão que são os libertos, e isso significa que você tem uma, uma fatia expressiva da sociedade brasileira que não é incorporada à cidadania e que não... Também não é... Não tem a sua... As suas condições de necessidade, né, efetivamente resolvidas, quer dizer, você também não, não produz uma condição para que eles possam sair do quadro de, de miséria em que eles estão. Isso significa que a fatia mais generosa, mais... Politicamente mais generosa do movimento abolicionista foi derrotada, essa que está nas ruas, que está gerando uma opinião favorável a esse movimento, ela é derrotada eu diria pela monarquia.

### **Marisa Rita Kehl [Psicanalista]**

A produtora do Spike Lee se chama Three Acres and a Mule, Três Acres ou Três Alqueires, não sei, e uma Mula, porque os escravos depois da, da libertação lá receberam isso, três alqueires e uma mula para começar a vida. Por isso que nos Estados Unidos apesar de toda discriminação racial pior do que aqui tem uma classe média negra e até uma... Algum microelite, mas tem uma classe média e aqui não! Aqui eles foram simplesmente jogados ao léu, a fazendeiro, digamos, que tinha 900 escravos que ele só tinha que dar mandioca e cachaça quando ele tem que pagar um salário ele dispensa 600 e fica com 300, e esses caras foram indo para as periferias das cidades.

### **Fred Coelho [Historiador]**

Não morará nos bairros mas sim nas favelas, não terá acesso aos grandes centros provedores de trabalho e educação mas ao que restar, se contentará sempre com uma política de cultura vota... Voltada para corpos, e aí caímos em mais um clichê, alegres, efusivos, festivos, trágicos, porém sempre prontos para o novo carnaval.

### **Marilena Chaui [Filósofa]**

Que que significa você elogiar um grupo humano pelo seu corpo, pela sua sensualidade, pelo seu ritmo? Você está dizendo que ele não tem espírito. Branco tem espírito, negro não tem ele é só carne, não tem espírito, não tem alma, não tem nada! Você quer coisa mais violento e mais racista do que o elogio à sensualidade e ao ritmo dos negros numa sociedade profundamente cristã que mortifica o corpo?

### **Jessé Souza [Sociólogo]**

Algumas pessoas são humanas, por exemplo as que têm espírito, sempre o espírito, essa, essa forma espírito tem a ver com inteligência e moralidade, né, e o corpo com o sexo, com o afeto, com a emoção. O brasileiro é definido como a emoção, sentimento e sexo, nós todos nos vemos assim em alguma medida, né, ninguém consegue sair da sua pele.

### **Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]**

Boa parte das religiões africanas, né, elas... A interação com o divino se dá pelo corpo por isso que existe o transe em muitas religiões, por isso que precisa de um atabaque que chama de... Então você... O corpo é a, a sua forma de, de expressão religiosa e a religiosidade para as sociedades africanas ela não é uma caixinha que você abre de vez em quando, né, é uma vivência cotidiana, o religioso está em tudo. O corpo é negro, sobretudo, né, ele é um corpo que durante muito tempo foi propriedade de alguém, então essa é a primeira coisa que tem que ser levada em consideração, não é. Então o que que é ser escravo? É você não ter direito sobre seu corpo, então quando você cria uma, ou desenvolve, ou, ou reforça, uma relação em que o negro de novo só é lembrado pelo corpo você tem que tomar muito cuidado para você não reforçar só essa faceta ou essa possibilidade de relação.

### **Manolo Florentino [Historiador]**

É curioso afirmar que a família escrava é algo estranho à escravidão, isso está em Gilberto, por exemplo. Ele achava que a promiscuidade era outra face da escravidão, e quando eu e José Roberto Góes escrevemos esse livro nós nos perguntávamos: “A família escrava existe, é epifenômeno? Não, ela é um fenômeno estrutural”. Ao dar à escravidão, ao dar aos escravos uma família você o traz, você o retira da Zoologia e transforma isso em cultura porque parentesco funda cultura.

### **Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]**

A ideia de raça em si é racista, claro, porque ela vai acreditar que existe uma diferença fundamental quase ontológica entre os seres humanos que será definida pela raça, e dentro disso você vai ter uma hierarquia de raças mais dotadas, menos dotadas. Isso, isso cientificamente não tem a mais mínima validade, a mais mínima

comprovação, não estou fazendo uma mitologia da ciência a gente pode questionar isso também, mas eu acho que é uma coisa muito descartada. Outra coisa é uma validação cultural e aí a gente tem que ver não é o negro em abstrato, que negro em abstrato é esse? Em que situação, em que circunstância é o negro escravizado que busca saídas na capoeira, na luta, no... Na festividade para contrabalançar uma situação de exploração corporal, física e mental tão alucinante? Quer dizer, são... Eu acho que a gente tem que contextualizar isso.

### **Fred Coelho [Historiador]**

E existem situações muito interessantes onde os braços dos trabalhos manuais a gente sabe que também na tradição intelectual brasileira o trabalho manual sempre é visto como menos, então não é à toa que todo trabalho manual relacionado à escravidão continua sendo posto na sociedade brasileira no início do Século XX como trabalhos menores, onde quem não é o bacharel, quem não é o doutor, quem não é o cara ligado ao trabalho intelectual ele merece ou ele ocupa naturalmente, digamos assim, né, o extrato mais baixo das coisas, mas ao mesmo tempo é esse contingente populacional que tem o seu corpo como a força de trabalho principal, por exemplo, acaba aderindo à produção artística e a um esporte como o futebol, né. Contraditoriamente são os, os despojados de qualquer possibilidade de ascensão social pelos... Pelas vias oficiais do trabalho, da educação que acabam ocupando o espaço do que se chamava, ou pode se chamar de qualquer maneira no início do Século XX da indústria da cultura, por exemplo no Teatro de Revista, nos circos, nas feiras, na música,

### **Heloísa Starling [Historiadora]**

Essa necessidade que nós vamos ter ao longo da história de processar essa nossa mestiçagem isso tem duas... Tem várias pernas, uma é que nós vamos ter que nos defrontar com a violência, né, a outra que nós vamos ter que nos defrontar com a mistura e essa mistura produz uma sociedade plástica nesse sentido porque a imagina... Acende a imaginação, né. Se você pensar nós somos uma sociedade extraordinariamente africanizada, né, gosta... Costumamos pensar na nossa história, no africano que veio para cá na diáspora dos africanos, ou como escravizado, né, enta... Ou como resistente, mas nós nos esquecemos ou, ou apagamos ou não pensamos a importância que as culturas das... Dos estados africanos trouxeram para a sociedade brasileira.

### **Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]**

Os africanos que vêm para cá na época da escravidão a origem deles e a escolha por africanos daquela... De, de determinadas origens ela não é aleatória. Os africanos são responsáveis no Nordeste pela implementação da pecuária de gado extensivo, europeu... Portugal não tem gado... Não tem pecuária extensiva porque não tem nem espaço para... É um país pequeno. Quem tem essa, essa... Quem tinha essa prática eram alguns povos da África Ocidental e os europeus trazem esses africanos dessa região para cá porque sabem que eles têm esse know-how. Na época em que é descoberto o ouro você tem uma, uma mudança nas rotas do tráfico e você tem mais africanos centro-ocidentais vindo para cá porque eles conhecem metalurgia. Então o que é... Eu acho que é primeiro necessário a gente dizer que as contribuições africanas elas, elas ultrapassam, né, a... As questões culturais.

### **Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]**

Nós fomos formados na, na mestiçagem, na miscigenação, então há todo um afeto que vem pelos portugueses, né, sexual inclusive, os portugueses que fizeram sexo com as escravas e que geraram as primeiras gerações de mulatos que depois continuaram sendo mulatos. Isso pode levar a entender, pode parecer que nós somos mais tolerantes, que então o bra... Que comparativamente aos Estados Unidos o Brasil é uma cultura cordial e mais inclusiva o que não é verdade em absoluto, então, extremamente racista e com uma violência que permeia essa suposta assimilação de forma terrível, e até por isso foi sempre muito mais difícil aqui no Brasil a defesa dos direitos dos negros e dos mulatos, mais difícil do que nos Estados Unidos quando a gente olha comparativamente do ponto de vista histórico.

### **Marilena Chaui [Filósofa]**

Quando o racismo está legalizado e legislado a visibilidade e a luta contra ele é muito grande, é muito mais fácil. Quando você tem o racismo ocultado, disfarçado, minimizado você não tem a não ser com enorme dificuldade como lutar contra ele, porque você tem que começar explicando que o racismo existe para depois você poder lutar contra ele, né. Então essa forma patriarcal, paternalista, essa presença da estrutura familiar no espaço público é um dos elementos chaves para entender porque que o paternalismo se tornou a forma do nosso racismo.

### **Muniz Sodré [Sociólogo]**

Houve uma abolição da escravatura mas não uma abolição da forma social escravagista, portanto é uma abolição entre o, o fenômeno jurídico político e o fenômeno psicossocial. Contudo a ideia de forma social é a ideia de uma orquestração, uma organização institucional de relações entre os indivíduos mas essa forma não depende da regulação do Estado, ela pode ter sido originada por uma regulação de Estado mas ela não depende, ela existe na, na prática das instituições que regula as relações dos indivíduos, nas práticas de família, nas... Nos conceitos escolares, na repartição dos espaços. Ora, então a forma social escravagista é uma reparti... Repartiu os espaços brasileiros pela lógica de cada macaco no seu galho.

### **Fred Coelho [Historiador]**

Uma das grandes tragédias da escravidão no Brasil é justamente a introjeção da subalternidade do escravo em que você passa a se mover na sociedade a partir de certos códigos em que você sabe onde você não é aceito, onde você não é... Onde você não será absorvido e onde você não é nem desejado. Ao contrário da situação nos Estados Unidos em que isso era posto às claras, com placas, com, com, com escritos dizendo claramente: “Aqui você não entra por ser negro, aqui você não frequenta, aqui você não senta”, isso nunca existiu no Brasil. Então a tragédia, talvez o maior mau tenha sido esse, na mente do escravo, do escravizado e na mente do escravocrata, o escravocrata está aí até hoje, o escravocrata está andando pela rua agora e ele acha isso: “Há lugares e lugares, eu não sou obrigado a conviver com certas situações di... De diferença social”, e é óbvio que a diferença social no Brasil passa pela questão da cor da pele.

### **Eduardo Jardim [Filósofo]**

Quando eu penso nesses caras, nesses grandes pensadores brasileiros que não existem mais como o Sérgio Buarque ou com o Gilberto Freyre é como se o... A visão que eles que eles tenham do Brasil funcionasse um pouco como um contrapeso, como uma espécie de, de, de resposta a uma, uma, uma situação muito trágica que eles viam. Você pensa em Casa Grande e Senzala, claro, Gilberto Freyre acaba dizendo que existe um congra... De alguma forma um congraçamento racial que compõe a vida brasileira, mas eu acho que ele faz isso quase como uma reação a uma situação extremamente violenta do ponto de vista das relações raciais.

### **Ronaldo Vainfas [Historiador]**

Foi muito injusta a crítica que se fez ao Gilberto Freyre dizendo que ele bo... Só via as, as convergências, os encontros, os cafunés, os chamegos, o sexo. O Gilberto Freyre da... No livro dele em vários momentos parece que se espremer vai sair sangue como a sinhá, a sinhá enci... Enciumada do, do seu marido man... Manda arrancar todos os dentes da, da escrava. A Casa Grande tem uma estrutura teórica que se cruza uma linha... Aonde se cruza uma linha vertical que é da hierarquia da escravidão, que supõe violência, supõe mando e obediência e uma, e uma, uma linha horizontal que amolenga essa hierarquia. Por isso que aqui é uma sociedade amolengada.

### **Luiz Felipe de Alencastro [Historiador]**

Quando foi feita a Constituinte de 1824 no Brasil, a Constituição, estava lá na parte da legislação: “Estão abolidas as penas físicas, tortura e tal”, que ainda tinha do direito português, estava ali: “Não pode chicotear”. Para os escravos todas as penas de prisão fora a pena capital, a pena de morte, são convertidas em açoite, então por que? Porque você não pode pôr o escravo na cadeia, o dono dele vai perder dinheiro. Isso é, você tortura ele, o açoite é a tortura, de preferên... Publicamente para humilhar e aterrorizar os outros depois você solta. Então nós tivemos tortura no Código Criminal até o final, a pena de açoite, até a Proclamação da República. Quem era criado numa casa onde tinha escravos, todos os brasileiros no Século XIX, ouvia alguém com medo ou sofrendo, ou com medo de apanhar, ou apanhando várias vezes por semana.

### **Thula Pires [Direito Constitucional]**

Então é um pouco fictício a gente imaginar que o Direito pretendeu dar conta e pretendeu proteger escravo quando proibiu o açoite ou tortura física. O Direito não estava e nunca esteve preocupado em proteger o, o corpo escravizado, o corpo negro, o corpo indígena quando a Constituição de 1824 proíbe tortura física, simplesmente porque esses corpos não tinham o critério básico para proteção que é a humanidade. A gente precisa entender que a gente vive numa sociedade que se constituiu determinando quem é humano quem não é humano!

### **Jessé Souza [Sociólogo]**

Esse ódio de classe ou do escravo para mantê... Para mantê-lo subjugado para você poder explorá-lo e não sentir pena dele porque ele é menos esse toque é extremamente importante. No Brasil com a escravidão vai construir o que? A oposição entre gente e não gente, homem e sub homem, vida e subvida, né, que é exatamente o que a gente tem hoje.

### **Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]**

Nossa polícia é uma polícia que foi criada também no Século XIX num contexto em que o Brasil vivia o ápice da escravidão, no momento em que nunca teve tanto escravo no Brasil. Então a gente pensa e, e, e sobretudo a gente vive essa herança de... Não só da violência física mas a violência física é destinada a pessoas específicas que têm características específicas, a sua imensa maioria são pessoas negras, então a gente também tem violências e violências no Brasil e essa violência afeta as pessoas de forma diferente.

### **Maurício Lissovsky [Historiador]**

Peso da escravidão ainda é muito grande, o peso da, da herança escravista, da herança sádica da... Do escravismo ainda é, ainda é muito grande e, e a... As relações senhoriais se reproduzem, quer dizer, eu acho que a gente tem uma, uma sociedade em que, em que todos os... Em todos os níveis a tortura ainda tem alguma legitimidade, quer dizer, dentro, dentro de casa e, e, e nas delegacias e, e, e de modo geral. Isso, isso para mim é talvez o traço, o traço cultural mais grave da sociedade brasileira.

### **Maria Rita Khels [Psicanalista]**

Eu não acredito nas pessoas eu acredito nos dispositivos, eu acho isso muito importante. Poucos de nós inseridos num dispositivo perverso que te autoriza a matar quem você não gosta, maltratar, cuspir na cara e isso ainda te faz um herói poucos de nós não fariam. Eu gosto de pensar que eu não faria, mas vai saber! Então é o racismo, ele é no Brasil alimentado por dis... Dispositivos de segregação.

### **Fred Coelho [Historiador]**

A sociedade brasileira é violenta porque ela foi gerada em meio a uma série de processos de microviolências cotidianas, não há como depois de alguns séculos de

gestação de uma sociedade em meio a microviolências cotidianas você não ver essa violência eclodir no dia a dia das pessoas!

### **Maurício Lissovsky [Historiador]**

Aí a gente pode falar do retorno do recalcado. Eu acho que quando amarra um menino negro num poste como se amarrou uma vez aqui no Rio de Janeiro no Flamengo, nu, você está assistindo o retorno do recalcado. Que que é o recalcado? É a violência a... Da senzala. Encarna, encarna, encarna, encarna no linchamento, encarna quando você amarra um menino no poste, encarna, encarna, encarna na, na nossa relação cotidiana principalmente com, com os jovens negros. Quando a dimensão histórica se perde a tortura é remetida ao campo da natureza, ela, ela se torna natural e é também uma questão de, de imagem, né, quer dizer, a, a imagem do, do, do prisioneiro torturado, do coisa assim é uma imagem que está na memória das pessoas e ela na hora de fazer, na hora de pegar o menino vai e amarra igual, igual ele viu no livrinho de escola.

### **Thula Pires [Direito Constitucional]**

Na naturalização da violência sobre corpos entendidos como não humanos, né, continua fazendo sentido e produzindo efeitos extremamente desproporcionais e de a... De acirramento da violência contra esses corpos entendidos como não humanos, né, e, e, e a naturalização da, da violência para, para os corpos ditos humanos entra um pouco nessa lógica de dizer: “Não, mas está todo mundo no mesmo barco”. Não estamos e nunca estivemos todos no mesmo barco e todas no mesmo barco.

### **João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]**

Numa mesa não muito grande há o senhor e a senhora, do lado da senhora uma mucama segura uma espécie de leque gigantesco, do lado do senhor há um negro escravo, na soleira do porta outro, no chão, no primeiro plano da tela duas crianças negras escravas nuas no centro da tela são os protagonistas da cena, recebendo restos de comida dados pela senhora como se fossem apenas e somente animais domésticos. É uma das cenas mais violentas da cultura brasileira, é difícil imaginar uma cena mais violenta, mais violenta porque da esfera do cotidiano, do privado, do íntimo, mas de uma violência simbólica assustadora na qual o que está negado da maneira mais

categórica possível é a humanidade daquelas duas crianças no chão, acoradas, engatinhando no chão recebendo restos de comida.

**Thula Pires [Direito Constitucional]**

Não existe como acabar com desigualdade social se a gente não mexer nos privilégios brancos, não há essa hipótese, então se a gente quiser enfrentar o racismo é preciso que os brancos entendam qual é o benefício, qual é o efeito que o racismo gera sobre a vida deles.